

Slam escolar e justiça curricular: aprendizagens para o desenvolvimento de práticas democráticas

Luis Fernando Lima e Silva
Thais Almeida Costa

Luis Fernando Lima e Silva

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil

E-mail: fer_phresto@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2705-5565>

Thais Almeida Costa

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil

E-mail: thaisalmeidacosta245@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-3354-9385>

**Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior, CAPES**

Recebido em: 15/10/2025

Aprovado em: 04/03/2026



Resumo

Este artigo, decorrente de pesquisa de doutorado, analisa o Slam Escolar (manifestação artística, sociocultural e política que ocorre paralelamente à educação formal) como experiência formativa que promove aprendizagens e contribui para o desenvolvimento de subjetividades voltadas ao exercício de práticas democráticas. O estudo examina a articulação entre o Slam e o currículo escolar na perspectiva da educação não formal. Metodologicamente, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com diferentes sujeitos do currículo de uma escola pública da rede estadual de São Paulo. Foram entrevistados a diretora, o coordenador pedagógico, um professor envolvido na organização da iniciativa e cinco estudantes que participam ativamente das batalhas de poesia, seja como poetas, seja como público. Também foi entrevistado um dos idealizadores e principais fomentadores do Slam Escolar no Brasil. As entrevistas foram submetidas à análise interpretativa, buscando-se identificar sentidos e significados atribuídos ao Slam nas dimensões do conhecimento, do cuidado e da convivência democrática, que estruturam o conceito de justiça curricular. Os resultados evidenciam que o Slam Escolar pode ser compreendido como uma prática alinhada aos princípios da justiça curricular, ao favorecer a construção de conhecimentos comprometidos com uma existência digna, o cuidado com todos os sujeitos escolares e a convivência democrática, além de valorizar a diversidade, o respeito mútuo e a ampliação das possibilidades formativas no espaço escolar.

Palavras-chave: Slam escolar. Currículo. Justiça curricular.



<http://www.perspectiva.ufsc.br>
<http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2026.e109327>

Abstract**School slam and curricular justice: learning for the development of democratic practices**

This article, resulting from doctoral research, analyzes School Slam (an artistic, sociocultural, and political manifestation that takes place alongside formal education) as a formative experience that promotes learning and contributes to the development of subjectivities oriented toward the exercise of democratic practices. The study examines the articulation between Slam and the school curriculum from the perspective of non-formal education. Methodologically, the research adopted a qualitative approach of an exploratory and descriptive nature. The data were collected through semi-structured interviews with various participants in the curriculum of a public school in the state of São Paulo. The school principal, the pedagogical coordinator, a teacher involved in organizing the initiative, and five students who actively participate in the poetry battles, either as poets or as audience members, were interviewed. One of the founders and promoters of School Slam in Brazil was also interviewed. The interviews were subjected to interpretive analysis in order to identify the meanings attributed to Slam across the dimensions of knowledge, care, and democratic coexistence, which structure the concept of curricular justice. The findings indicate that School Slam can be understood as a practice aligned with the principles of curricular justice, as it fosters the construction of knowledge committed to a dignified existence, care for all school subjects, and democratic coexistence, while also valuing diversity, mutual respect, and the expansion of formative possibilities within the school environment.

Keywords:

School slam.
Curriculum.
Curricular justice.

Resumé**Slam scolaire et justice curriculaire: apprentissages pour le développement de pratiques démocratiques**

Cet article, issu d'une recherche doctorale, analyse le Slam Scolaire (manifestation artistique, socioculturelle et politique qui se développe parallèlement à l'éducation formelle) comme une expérience formative favorisant les apprentissages et contribuant au développement de subjectivités orientées vers l'exercice de pratiques démocratiques. L'étude examine l'articulation entre le Slam et le curriculum scolaire dans la perspective de l'éducation non formelle. Sur le plan méthodologique, la recherche a adopté une approche qualitative, de nature exploratoire et descriptive. Les données ont été recueillies au moyen d'entretiens semi-directifs auprès de différents acteurs du curriculum d'une école publique de l'État de São Paulo. Ont été interrogés la directrice, le coordinateur pédagogique, un enseignant impliqué dans l'organisation de l'initiative ainsi que cinq élèves qui participent activement aux joutes poétiques, soit comme poètes, soit comme membres du public. L'un des initiateurs et principaux promoteurs du Slam Scolaire au Brésil a également été interrogé. Les entretiens ont fait l'objet d'une analyse interprétative visant à identifier les significations attribuées au Slam dans les dimensions du savoir, du soin et de la coexistence démocratique, qui structurent le concept de justice curriculaire. Les résultats montrent que le Slam Scolaire peut être compris comme une pratique alignée sur les principes de la justice curriculaire, en favorisant la construction de savoirs engagés en faveur d'une existence digne, le soin apporté à tous les acteurs scolaires et la coexistence démocratique, tout en valorisant la diversité, le respect mutuel et l'élargissement des possibilités formatives au sein de l'espace scolaire.

Mots-clés:

Slam scolaire.
Curriculum.
Justice
curriculaire.

Introdução

Seja na praça da Guilhermina, seja nas ruas, seja nas escolas, seguimos nesse movimento
cíclico, pois a poesia pra nóiz é resistência, celebração e convívio.
Coletivo Slam da Guilhermina (2021)

O Slam Escolar é uma prática que tem ganhado destaque no cenário educacional brasileiro. Neste artigo, é apresentado como uma manifestação artística, sociocultural e política que ocorre paralelamente à educação formal. Trata-se de uma experiência curricular intencional, voltada para a formação e para o desenvolvimento de sujeitos com identidade cidadã e democrática.

Assim, o objetivo deste estudo é apresentar analiticamente a proposta de Slam Escolar como uma prática formativa que pode contribuir para a formação de subjetividades democráticas, inconformistas e capazes de se posicionar criticamente diante de opressões que ferem os direitos à dignidade humana, em consonância com as dimensões da justiça curricular.

A justiça curricular, conceito abordado por autores como Connell (1995) e Torres Santomé (2013), questiona a validade epistemológica e política dos conhecimentos selecionados para o currículo. O desenvolvimento do conceito vincula-se à intenção de compreender como os sistemas educacionais podem contribuir para aumentar os níveis de justiça e igualdade nas sociedades, eliminar as formas de discriminação e marginalização, reforçando modelos e estruturas de participação democrática cidadã (Santomé, 2013).

Em torno de tais premissas, revigora-se o debate sobre o saber de grupos historicamente marginalizados, que muitas vezes ficam à margem do reconhecimento social nas instituições escolares. O conceito de justiça curricular surge, então, como uma possibilidade de reconhecimento e valorização de outros saberes, permitindo que todos os grupos sociais se sintam representados na escola a partir de suas próprias perspectivas (Costa; Araújo; Ponce, 2023).

Com base em referências teóricas nacionais e internacionais e, especialmente ancorada na realidade educacional brasileira, Ponce (2018) postula a justiça curricular em uma perspectiva ampla, abarcando reflexões a partir de três dimensões: o conhecimento necessário para que os sujeitos do currículo se instrumentalizem para compreender/transformar o mundo e a si mesmos; o cuidado com os sujeitos envolvidos no processo pedagógico, de modo a garantir que todos tenham condições dignas para se desenvolver; e a convivência democrática e solidária, que deve ser promovida na escola (Ponce; Neri, 2015).

A partir da perspectiva da justiça curricular, o Slam Escolar é aqui compreendido como uma prática contextualizada que promove pautas democráticas comprometidas com a superação de desigualdades. Com isso, o presente trabalho busca responder, em síntese, às seguintes questões: como o Slam Escolar valoriza os saberes e as experiências dos estudantes, especialmente daqueles

em situação de marginalização, contribuindo para a construção de uma vida digna, em consonância com a dimensão do conhecimento da justiça curricular?

De que maneira essa prática pode ser compreendida como um dispositivo de cuidado voltada aos sujeitos curriculares, considerando suas trajetórias individuais e coletivas, alinhando-se à dimensão do cuidado da justiça curricular?

E, por fim, como o Slam Escolar fomenta a convivência democrática e o respeito à diversidade, reforçando a dimensão da convivência presente no conceito de justiça curricular?

A partir dessas questões, argumenta-se que o Slam Escolar se configura como uma prática pedagógica ancorada nos princípios da justiça curricular ao integrar pautas democráticas e emancipadoras com a afirmação de direitos e a busca pela superação de desigualdades. A análise dos dados evidencia como essa prática contribui para tornar as escolas mais inclusivas e democráticas. Ao revelar o potencial transformador do Slam Escolar, procura-se, ainda, ampliar o debate sobre políticas curriculares e oferecer subsídios para a elaboração de projetos pedagógicos que valorizem a diversidade de saberes e a participação ativa dos estudantes.

O Slam Escolar

Na perspectiva crítica freiriana, a educação, em seu caráter emancipatório e permanente, busca despertar nos estudantes a criticidade e a práxis política, promovendo a conscientização de seu papel como seres sociais e históricos — pensantes, críticos, transformadores, criadores e inconclusos (Freire, 2010, p. 58). Com base nesses pressupostos, que defendem a criação de condições para a emancipação, destaca-se a importância de práticas educativas que promovam a reflexão sobre as relações de poder, as ideologias dominantes e o caráter formativo das manifestações artístico-culturais.

Nesse sentido, o Slam Escolar emerge como uma experiência relevante e coerente com uma proposta curricular comprometida com a formação crítica, reflexiva. Questionar sobre o que se ensina na escola implica reconhecer que o currículo não é neutro; ele resulta de decisões que se constroem no campo das disputas ideológicas, históricas, culturais e econômicas entre diversos grupos. Como apontam Moreira e Silva (2011, p. 39), “ideologia, cultura e poder, em suas relações com o currículo, são conceitos centrais que sintetizam as preocupações e problemáticas da teorização educacional crítica”.

Mas, o que é o Slam Escolar e qual é papel dessa prática no ambiente escolar atualmente?

Em meados de 1986, no Green Mill Jazz Club, em Chicago, Marc Kelly Smith, juntamente com o grupo *Chicago Poetry Ensemble*, iniciou o primeiro *Poetry Slam*. Este evento, conhecido como *Uptown Poetry Slam*, reunia diversos artistas para noites poéticas, nas quais a declamação de poesias servia tanto como entretenimento quanto como uma forma de democratizar a arte, rompendo as

fronteiras entre poetas consagrados e poetas de rua. Desde então, o *Poetry Slam*, uma competição de poesia performática, ganhou reconhecimento mundial por sua abordagem inclusiva ao focar temas sociais, políticos e culturais sob uma perspectiva crítica. As competições são abertas ao público a partir de 16 anos, com regras claras: poemas autorais, sem adereços ou música, e um limite de três minutos por apresentação. O júri, formado por cinco pessoas escolhidas na hora, atribui notas de 0 a 10 (a maior e a menor nota são descartadas). Quem obtém as melhores pontuações avança para as próximas rodadas até que o público escolha o vencedor. Esse formato garante justiça e enfatiza a interação do público, elemento essencial para o sucesso da performance. Sem o público, não há Slam.

Os temas para as poesias são livres, mas é possível observar a frequência e predominância de discursos poéticos que abordam desigualdade racial, discriminação de gênero, direitos LGBTQ+, pobreza, opressão, temas presentes na vivência pessoal dos poetas. Independentemente da escolha do tema e da estilística adotada para a batalha, o que se coloca em jogo, além do caráter técnico discursivo e poético, são a honestidade e a verdade na tradução desses temas, contextos e situações para a linguagem artística em ato de experiência comunicativa, de encontro, conhecimento, reconhecimento e convivência.

Mais do que uma competição, o *Poetry Slam* é um espaço de expressão e comunidade, no qual as regras mantêm a equidade e a participação do público, tornando a experiência autêntica e dinâmica. Em suma, representa uma fusão única de performance e interação comunitária, em que cada apresentação é uma oportunidade de conexão e transformação por meio da poesia falada.

No Brasil, o *Poetry Slam* chegou com a premissa de trocar saberes e experiências entre comunidades de poetas e artistas, adaptando-se às especificidades e demandas locais. Essa prática orgânica começou em São Paulo com o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra), considerado o primeiro Slam do país, fundado pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos no bairro da Pompéia em 2008. Desde então, o Slam tem se consolidado nas periferias, distante dos circuitos artísticos tradicionais e de grande repercussão midiática, e é impulsionado pelo crescente número de coletivos de *slammers* no Brasil.

Dentre esses coletivos, destaca-se o Slam da Guilhermina, fundado em 2012 na Zona Leste de São Paulo. O evento acontece na última sexta-feira de cada mês, às 20h, na Praça Guilhermina-Esperança, ao lado da estação de metrô homônima. Este coletivo é notável não apenas por ter sido o primeiro Slam de rua do Brasil, mas também pelo seu projeto paralelo, o Slam Interescolar, que busca levar o Slam para o interior das escolas, ampliando a influência e o alcance do movimento.

A ideia de criar um Slam Escolar e o evento Slam Interescolar (evento que reúne um conjunto de escolas para a prática do Slam) foi pensada por Emerson Alcalde, um dos fundadores do Coletivo Slam da Guilhermina, ao representar o Brasil no Campeonato Mundial de *Poetry Slam* de 2014, em

Paris. Paralelamente ao evento de que participaria, Emerson identificou um outro similar, mas que ocorria com a participação de estudantes de várias escolas francesas.

Ao retornar ao Brasil, Emerson compartilha sua vivência com os demais integrantes do Coletivo Slam da Guilhermina e propõe a realização de uma iniciativa semelhante em território brasileiro. Sem hesitação, todos aceitam o desafio. Assim, em 2015, nasce o Slam Interescolar, projeto idealizado pelo grupo, voltado principalmente para escolas públicas, além de algumas instituições privadas, dos ensinos fundamental II e médio. O projeto tem como principal objetivo incentivar a escrita, a leitura e o protagonismo juvenil.

O Slam Interescolar começou com a participação de apenas quatro escolas da Zona Leste de São Paulo na sua primeira edição. Em 2016, na segunda edição, o número de escolas inscritas mais que dobrou, chegando a 28. No ano seguinte, 38 escolas aderiram ao projeto, e em 2018 o número aumentou para 57.

Com o crescimento das inscrições, tornou-se necessária a criação de categorias distintas para estudantes-poetas do ensino fundamental II e do ensino médio, com os campeonatos de cada categoria realizados em dias separados, garantindo maior organização e visibilidade para os participantes.

Outra inovação neste período foi o Ciclo Formativo do Slam, criado no início de 2019. Trata-se de um programa que prepara os poetas-formadores por meio de quatro encontros temáticos (Escrita, Corpo, Voz e Performance), sendo um pré-requisito antes de atuarem nas escolas. O conceito de poeta-formador é inspirado na metodologia da escola de Poesia Falada na Inglaterra, chamada Apples and Snakes. No Reino Unido, *slammers* atuam profissionalmente nas escolas, ensinando poesia oral. Tal metodologia e experiência foram traduzidas para o contexto nacional pela FLUP - Festa Literária das Periferias (festival de literatura realizado anualmente, desde 2012, em comunidades do Rio de Janeiro) e adaptadas ao contexto do projeto de Slam Interescolar.

Os poetas-formadores realizam oficinas de escrita poética e colaboram na organização do campeonato escolar, desenvolvendo uma metodologia que se mostrou eficaz ao longo das edições subsequentes. A atuação desses atores permitiu um acompanhamento mais sistemático das seletivas nas escolas e contribuiu para a construção de uma metodologia de desenvolvimento e implementação do projeto, visando ao alcance de seus objetivos com maior amplitude e equilíbrio.

Em 2019, as vagas disponíveis foram preenchidas rapidamente, com mais de 100 escolas inscritas, sendo inicialmente idealizadas 40 destinadas ao ensino fundamental e 40 ao ensino médio. Em 2020, devido à pandemia de covid-19, as escolas e os estudantes tiveram que adaptar suas rotinas de ensino e aprendizagem. Apesar das dificuldades enfrentadas pelas escolas públicas, o Coletivo Slam da Guilhermina manteve as atividades do Slam Interescolar em formato digital, com a

participação de 62 escolas, sendo 38 de ensino fundamental II e 24 de ensino médio. O evento foi transmitido ao vivo pelo YouTube¹.

Em 2021, o número de participação aumentou para 89 escolas, sendo 54 do ensino fundamental II e 35 do ensino médio. Seguindo ainda as recomendações de segurança sanitária e zelando pelos estudantes e seus familiares, essa edição também foi transmitida via YouTube². A prática de registrar e transmitir o evento pela plataforma foi mantida nas edições posteriores, agora com o objetivo de ampliar o alcance do evento.

Em 2022, na oitava edição, o Slam Interescolar contou com a participação de 141 escolas, sendo 72 do ensino fundamental II e 69 do ensino médio. O crescimento do projeto manteve-se em 2023, quando foram registradas 330 escolas inscritas. Em 2024, o número de inscrições foi de 289 escolas. Na edição mais recente, em 2025, foram inscritas 410 escolas.

O principal canal de comunicação do Slam Interescolar é um grupo de WhatsApp, ativo desde 2016, que reúne aproximadamente 284 participantes, incluindo a equipe do Coletivo Slam da Guilhermina, poetas-formadores, professores e equipe escolar, facilitando a organização e o suporte do evento.

Mesmo enfrentando desafios financeiros, com apoio de parcerias com instituições, empresas, artistas, slammers, amigos e simpatizantes do evento, e, por vezes, editais de fomento, o Coletivo Slam da Guilhermina aprimorou seu trabalho e expandiu o projeto, acompanhando o aumento contínuo de participantes desde a primeira edição.

É importante destacar que esse histórico³ não apenas marca o início da prática do Slam Escolar e evidencia seu crescimento, mas também ressalta sua relevância no contexto educativo, especialmente em São Paulo, embora não se limite a esse estado. Por se tratar de uma iniciativa recente, ainda são poucos os estudos que analisam sua articulação com o currículo formal.

Neste estudo, o Slam Escolar é compreendido como uma prática que articula saberes próprios e saberes institucionalizados, integrando experiências coletivas e subjetivas vivenciadas no espaço escolar, e contribuindo para a construção de uma proposta pedagógica voltada ao desenvolvimento de sujeitos para o exercício da cidadania. A partir dessa compreensão, a pesquisa investiga e apresenta as motivações para a inclusão do Slam nas propostas educativas, bem como sua relevância na formação dos jovens.

¹ SLAM DA GUILHERMINA. **VI Slam Interescolar - SP – Ensino Fundamental e Médio**. YouTube, 13 dez. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QFEfW_Q3j2M. Acesso em: 15 set. 2025.

² SLAM DA GUILHERMINA. **VII Slam Interescolar - SP - Ensino Médio**. YouTube, 13 nov. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rrv2rqBsD0o&t=214s>. Acesso em: 17 set. 2025.

³ O histórico pode ser encontrado no livro *Das Ruas para as Escolas, das Escolas para as Ruas: Slam Interescolar*, produzido pelo Coletivo Slam da Guilhermina e publicado pela Editora LiteraRua em 2021. A publicação foi vencedora do Prêmio Jabuti de Literatura na categoria "Inovação" em 2022.

Slam Escolar e a justiça curricular

O Slam Escolar é tratado neste estudo como uma prática curricular emancipatória, que promove agendas democráticas, como a valorização da diversidade e a participação ativa dos estudantes na luta contra a opressão, por meio de um saber/fazer político conscientizador (Freire, 2001). Sua caracterização como prática curricular baseia-se na concepção de que "por currículo [toma-se] todo o processo de ensino-aprendizagem-convivência-cuidado na construção do conhecimento significativo para a vida" (Ponce; Neri, 2017, p. 1223).

Entende-se, ainda, o currículo como uma:

[...] prática social pedagógica que se manifesta sempre em dois aspectos indissociáveis: como ordenamento sistêmico formal e como vivência subjetiva e social. Só é possível considerá-lo na síntese desses dois aspectos. Trata-se de uma prática social complexa que envolve construção histórica-social; disputas ideológicas; espaços de poder; escolhas culturais; e exercício de identidades. Como ordenamento sistêmico formal, implica pelo menos três elementos demarcadores, igualmente indissociáveis: o repertório de conhecimentos sistematizados e validados historicamente e socialmente; as políticas públicas e a legislação; e as características histórico culturais da instituição que o realiza. Como vivência subjetiva e social, mostra-se como uma ação semanticamente mais próxima do significado implícito no vocábulo latino do qual é originário: currículo é um percurso de formação. Em ambas as instâncias de manifestação do currículo, expressa-se a preocupação com a construção humana subjetiva-social-política-cultural (Ponce, 2018, p. 793).

O currículo escolar é uma trajetória formativa construída principalmente com a participação dos sujeitos do currículo: professores, estudantes, gestores escolares, profissionais da educação e comunidade escolar. Essa trajetória se desenvolve levando em conta políticas educacionais, diretrizes, orientações e saberes historicamente validados, além das experiências históricas, sociais e culturais que atravessam e influenciam esses sujeitos. Assim, o currículo é entendido de forma contextualizada, com ênfase no desenvolvimento humano em suas dimensões subjetiva, social, política e cultural.

Partindo da premissa de que um currículo escolar que valoriza a vivência dos sujeitos da aprendizagem torna a escola um espaço propício para o desenvolvimento humano-social e crítico-reflexivo, entende-se, assim como postula Libâneo (2002, p. 89), que os processos educativos se constroem na intersecção entre educação formal, não formal e informal, compondo o desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos.

Para compreender o lugar que o Slam Escolar ocupa no interior da escola, recorre-se a Gohn (2006), que caracteriza a educação formal como organizada com tempo e local específicos, pessoal especializado e regulamentação oficial. A educação informal, por outro lado, ocorre de maneira espontânea, sem sistematização, sendo transmitida por meio de práticas cotidianas e experiências anteriores. Já a educação não formal tem atributos distintos, incluindo a ausência de organização por séries/idade/conteúdos, a atuação sobre aspectos subjetivos do grupo e a construção de identidade coletiva e laços de pertencimento. Para Gohn (1999), a relevância da educação não formal está na possibilidade de criação de novos conhecimentos.

Segundo Gohn (1997, p. 5), a educação não formal abrange quatro campos, ou dimensões: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos, a capacitação para o trabalho, a organização comunitária e a aprendizagem dos conteúdos formais em contextos diferenciados.

Dadas suas características, o Slam Escolar apresenta atributos próprios que permitem reconhecê-lo como integrante de um conjunto de práticas próprias da educação não formal. Nesse sentido, destaca-se, em particular, a dimensão da aprendizagem política dos direitos dos indivíduos, conforme delineada por Gohn, pois a prática cria um espaço em que os estudantes compartilham saberes poéticos, expressivos e políticos, valorizando suas vivências históricas e sociais. Esses saberes, produzidos e circulados coletivamente, contrapõem-se à supressão dos conhecimentos locais, frequentemente substituídos por um saber homogêneo, descontextualizado das realidades políticas e culturais dos sujeitos e incapaz de reconhecer a diversidade epistemológica do mundo.

O Slam, por sua vez, promove dinâmicas construtivas que reconhecem, valorizam e respeitam as experiências e os saberes acumulados pelos estudantes. Assim, a escolha de práticas pedagógicas como o Slam Escolar, dentro de um currículo escolar, não é uma decisão neutra, mas sim uma escolha política que reflete uma visão de mundo e de educação comprometida com a justiça social e democrática.

Em consonância com a perspectiva de Sacristán (2000, p. 22), o currículo envolve uma série de práticas que vão além da simples instrução pedagógica, incluindo dimensões políticas, administrativas e de supervisão, que moldam a educação em diferentes contextos históricos e sociais. O reconhecimento do Slam Escolar como uma prática pedagógica no currículo escolar reflete um compromisso com uma educação que valoriza a participação ativa dos estudantes na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Essa visão está alinhada aos pressupostos da justiça curricular, por se constituir como uma prática curricular que promove o engajamento crítico e a emancipação e por abrigar vozes e saberes diversos, sendo um espaço polifônico para a construção de um pensamento que desnaturalize as formas de opressão, discriminação e exploração (Costa, 2022).

O conceito de justiça curricular tem por base os pressupostos da justiça social, ao reconhecer os direitos dos sujeitos a partir da sua condição humana, e apresenta-se como possibilidade para a construção de um currículo escolar que busque a formação de sujeitos para uma vida digna, justa e solidária, segundo os estudos de Santomé (2013) e Ponce (2015; 2017; 2018; 2019). Para Gomes (2019, p. 1026), ainda,

[...] o conceito de justiça curricular, ao pautar-se na justiça social, possibilita a compreensão não somente do currículo como produto e processo, mas, principalmente, da vida dos sujeitos que estão na escola na sua diversidade de classe, de gênero, de raça e de orientação sexual. Considera a relação de tensão que essas identidades ocupam na conformação do conhecimento, no cotidiano, nas imagens e autoimagens que os docentes e discentes constroem uns dos outros e de si mesmos.

A sociedade a que nos referimos, com base na justiça curricular, é aquela que busca constantemente a construção de um sistema social em que os indivíduos sejam sujeitos de direitos, pautados na luta por garantias sociais que conferem acesso à cultura, à alimentação, ao trabalho, à moradia, à saúde, à educação, à habitação e a uma vida digna. Defende-se, conforme contribuições de Fraser (2022), uma compreensão ampla da justiça social, considerando aspectos econômicos, culturais e políticos.

Fraser (2022) defende uma concepção de justiça social que seja abrangente e capaz de abarcar as preocupações tanto no âmbito econômico, especialmente no que se refere à pobreza, à exploração, à desigualdade e aos diferenciais de classe, quanto no campo cultural, salientadas pelas filosofias do reconhecimento, não mais restritas ao eixo da classe social, mas abrangendo categorias como diferença sexual, raça, etnicidade, gênero, religião e nacionalidade (Costa; Araújo; Ponce, 2023).

Diante dos desafios inerentes às lutas por redistribuição e reconhecimento, Fraser (2002; 2012) anuncia a necessidade de um princípio normativo que inclua as reivindicações de ambos os paradigmas: o princípio da representação ou paridade da participação. Segundo a autora, a justiça social implica a remoção dos obstáculos à paridade de participação, demandando uma interpretação democrática radical. Dessa forma, superar a injustiça significa retirar os obstáculos institucionalizados que inviabilizam o direito de participar e interagir socialmente dos sujeitos, o que implica necessariamente pensar na dimensão política da justiça (Costa; Araújo; Ponce, 2023).

Nesse sentido, Costa, Araújo e Ponce (2023) propõem uma articulação entre o referencial de Fraser e o campo curricular, sugerindo que as três dimensões da justiça social, redistribuição, reconhecimento e representação, podem ser operacionalizadas no currículo escolar por meio das dimensões do conhecimento, do cuidado e da convivência democrática. Essa transposição analítica permite compreender o currículo como um espaço privilegiado de materialização da justiça social, em que tais dimensões se entrelaçam de forma dinâmica e relacional, sem constituírem esferas.

A dimensão do conhecimento reconhece que o currículo é composto de escolhas, mas, sobretudo, entende que essas escolhas não são neutras e revelam uma visão sobre quais conhecimentos são considerados válidos. Sendo o conhecimento uma parte essencial do conceito de justiça curricular, ele não pode estar desvinculado da premissa de promover práticas sociais voltadas para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa. Sem desconsiderar a importância do conhecimento construído ao longo da tradição do pensamento ocidental, que é uma das principais referências no contexto educacional brasileiro, essa dimensão nos convida a refletir que esse saber não é a única forma de interpretar e conhecer o mundo, mas apenas uma entre as possíveis.

Assim, o conhecimento proposto pela justiça curricular busca romper com a construção de currículos hegemônicos pautados em conhecimentos eurocêtricos, brancos, patriarcais, capitalistas e colonialistas. Almeja-se questionar os modelos dominantes nas esferas política, econômica e social,

que perpetuam desigualdades e injustiças, visando criar um horizonte de possibilidades para uma existência mais digna.

Na dimensão do cuidado, entende-se que ele abrange todos os sujeitos escolares, em diversas esferas, desde as condições de trabalho de professores e profissionais da educação até a qualidade de vida de crianças, adolescentes e jovens, pautando-se na garantia dos direitos essenciais (Ponce, 2018, p. 794). Assim, o objetivo é que todos os sujeitos do currículo se sintam representados e acolhidos em suas necessidades no contexto das práticas curriculares em ação.

O cuidado e a responsabilidade com a integridade física e com a formação acadêmica e humana dos estudantes devem abranger a totalidade da vivência escolar, reconhecendo-os como sujeitos com demandas, necessidades e identidades próprias. Apesar da relevância dessas prerrogativas no processo educativo, elas ainda não são suficientes para garantir o acesso, a permanência e a qualidade da experiência escolar, pois essas questões transcendem os muros da escola. O cuidado também se refere às condições sociais que viabilizam a qualidade de vida do estudante, exigindo o pleno direito à educação de qualidade: "O cuidado envolve a garantia e a ampliação de direitos. Não há quem lute por seus direitos sem conhecê-los, o que implica que os conhecimentos sobre os direitos e o cuidado sejam considerados interdependentes" (Ponce; Araújo, 2019, p. 1061).

O cuidado mencionado na justiça curricular é promovido por meio de escolhas e práticas curriculares construídas coletivamente, em conjunto com políticas públicas educacionais, que priorizem o acesso, a permanência e a qualidade da educação. Trata-se de um elemento central para a realização da educação integral.

A dimensão da convivência democrática e solidária está fundamentada em uma racionalidade emancipatória, com o objetivo de acolher os sujeitos e suas diversidades (Estevão, 2004). No contexto educacional, essa convivência democrática parte da construção de espaços e ações pedagógicas intencionais que promovam o desenvolvimento da autonomia, da ética e de valores humanísticos, sempre com o foco na justiça social:

A formação do sujeito ético pressupõe a convivência democrática e solidária em todos os ambientes e tem como horizonte a construção da maturidade, do discernimento e da autonomia, pautada em valores e princípios fundamentais, dos quais se destacam pelo menos quatro essenciais ao nosso momento histórico: o princípio do respeito e da solidariedade ao outro, o da igualdade de direitos, o da justiça social, e o da liberdade para ser (Ponce; Araújo, 2019, p. 1064).

A dimensão da convivência democrática destaca a importância de um currículo comprometido com a formação de subjetividades inconformistas e democráticas, capazes de lutar pela democratização dos diversos espaços onde ocorrem relações desiguais de poder (Araújo, 2020). Segundo Ponce e Araújo (2019), esse currículo deve instrumentalizar os sujeitos para um pensamento

reflexivo e responsável, conduzindo-os ao exercício ético da autonomia. Essa autonomia deve se manifestar por meio de relações pautadas em princípios fundamentais como respeito, solidariedade e justiça social.

Para Ponce e Araújo (2019), o currículo deve se tornar um espaço de participação ativa e uma experiência democrática compartilhada coletivamente. A convivência democrática, alicerçada no direito à participação, visa formar "rebeldes competentes" em vez de "conformistas" que legitimam a realidade injusta das sociedades capitalistas (Santos, 2018, p. 86).

Essa convivência democrática também se manifesta por meio da participação ativa dos sujeitos escolares na construção dos currículos, valorizando o reconhecimento das diversidades epistemológicas e garantindo o cuidado com todos os envolvidos. Assim, essa dimensão se interliga com as demais da justiça curricular, reforçando a importância do conhecimento e da inclusão na formação integral.

A busca pela justiça curricular, podendo se manifestar por meio da prática do Slam Escolar, supõe uma prática curricular imprescindível nos dias atuais, de modo que os programas escolares reconheçam a importância da cultura popular e suas manifestações, entre elas o próprio Slam, como fonte rica de desenvolvimento formativo para a cidadania, ao levar os estudantes a conhecer e repensar sua realidade de forma crítica, reconhecendo a si mesmos como agentes capazes de transformá-la.

Por ser uma prática que promove a reflexão crítica, pode-se reconhecer nela a potência de estimular a criação de processos voltados à transformação social nos contextos de injustiça, oriundos das desigualdades sociais, raciais, de gênero e outros. O Slam Escolar torna-se uma prática pedagógica capaz de materializar intenções formativas que vão em direção à justiça curricular enquanto ação curricular direcionada à formação de sujeitos engajados com o exercício da cidadania, capazes de se indignar e atuar frente às desigualdades existentes.

Metodologia de pesquisa

Metodologicamente a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e bibliográfico (Chizzotti, 2013). Os dados desta pesquisa foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com diversos sujeitos do currículo de uma escola da rede estadual de São Paulo onde a prática do Slam Escolar é recorrente há mais de dois anos⁴. Foram entrevistados a diretora, o coordenador, um professor envolvido na organização do Slam e cinco estudantes (dois do Ensino Médio e três do Fundamental II), que participam ativamente como poetas ou como público das batalhas de poesia.

⁴ A escola selecionada realiza o Slam Escolar desde 2018. As entrevistas foram realizadas no ano de 2022.

Os sujeitos escolhidos refletem o papel essencial da direção, da coordenação pedagógica e do professor como facilitadores do Slam Escolar, viabilizando a prática na instituição. Em relação aos estudantes, eles são os principais atores, vivendo a experiência como poetas ou como público, sendo parte essencial dessa prática. Além disso, uma entrevista foi realizada com Emerson Alcalde, um dos idealizadores do projeto Slam Interescolar e fomentador da prática do Slam Escolar no Brasil.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, possibilitando uma interlocução direta com os sujeitos envolvidos na pesquisa. Elas foram organizadas em três grandes temas: concepção curricular, ensino e desenvolvimento de aprendizagens, sendo interpretadas à luz dos pressupostos epistemológicos e políticos que fundamentam o conceito e as dimensões da justiça curricular.

O foco foi na categoria semântica "prática curricular", intrinsecamente ligada às manifestações das práticas de ensino e aprendizagem e relacionada diretamente aos princípios da justiça curricular. Essa análise permitiu verificar a concepção de educação que orienta as práticas curriculares e aprofundar a reflexão sobre as dimensões da justiça curricular – conhecimento, cuidado e convivência –, correlacionando-as com as categorias de ensino para a prática cidadã e aprendizado contra-hegemônico.

Resultados

Foi destacado o processo de aprendizagem dos alunos e o protagonismo estudantil no currículo da escola de ensino integral. Em uma das falas da diretora entrevistada, ela afirmou que “tudo que eles [os estudantes] trazem, a gente tenta transformar, de uma forma ou de outra, em currículo”, ressaltando não apenas a valorização do protagonismo dos estudantes, mas também sua participação ativa na construção do currículo. Essa fala evidencia a percepção dos alunos como agentes que influenciam e contribuem, a partir de seus discursos poéticos, para as escolhas curriculares.

A prática do Slam Escolar, embora não prescrita no Projeto Político-Pedagógico (PPP) ou nas diretrizes curriculares formais, foi destacada como uma atividade orgânica e relevante quando integrada ao cotidiano da escola. Essa condição evidencia a coexistência entre o currículo prescrito e o currículo em ação, bem como processos de institucionalização de práticas culturais juvenis no espaço escolar. O Slam é compreendido não apenas como uma “adição” ao currículo escolar, mas como parte constitutiva dele. Segundo o professor entrevistado, sem deixar de lado a formação acadêmica, “a escola deveria cumprir uma dimensão que vai além do conteúdo, uma dimensão pedagógica mais ampla, relacionada à sociedade, à cidadania e ao respeito”.

De forma geral, todos os entrevistados, especialmente gestores e professor, entendem o currículo como um conceito polissêmico, englobando orientações, materiais didáticos, escolhas e práticas que guiam o trabalho pedagógico e a concepção de educação a ser promovida.

A análise das entrevistas revelou que grande parte do que foi mencionado pelos participantes está alinhada ao conceito de justiça curricular, utilizado como horizonte para a análise. Podemos destacar, nessa direção, a fala da diretora:

[...] currículo tem objetivo, tem finalidade. Até porque o currículo entende e eu também entendo que educação não é neutra, ela tem um objetivo que é formar, no meu entendimento, um cidadão ou uma cidadã que seja autônomo, emancipado, que seja uma pessoa crítica. E a partir dos conhecimentos que o currículo passa ele possa viver de forma independente e seguir e ser protagonista da sua própria história. Então, ele é uma lei que ele é um parâmetro e eles são conteúdos em si e ele é um direcionamento, não algo fechado, inflexível, mas que te dá caminhos.

A diretora enfatiza a não neutralidade da educação e o caráter emancipatório do currículo, destacando sua finalidade de formar sujeitos autônomos, críticos e capazes de atuar como protagonistas de suas trajetórias. Tal compreensão reforça a ideia de que o currículo opera como dispositivo político de formação de sujeitos, articulando conhecimentos, valores e orientações para a vida social.

No que tange à dimensão do conhecimento, seguindo os princípios da justiça curricular, os conhecimentos adquiridos pela prática do Slam Escolar são conhecimentos que favorecem a construção de uma existência mais digna, tendo em vista que o desenvolvimento cognitivo está associado a práticas sociais e ao uso significativo da linguagem escrita e oral.

Entre os principais conhecimentos destacados, encontramos o desenvolvimento da escuta ativa, apontada como uma rica fonte de aprendizado. De acordo com os entrevistados, essa escuta revela temas e questões que despertam curiosidade e interesse por saber mais, além de estimular o desejo de aprender. Além da escuta, a experiência de expressar livremente pensamentos, sonhos, anseios, dúvidas, medos e revoltas também foi identificada como uma importante forma de aprendizado.

Observou-se como os estudantes veem e percebem este processo de aprendizado, que se viabiliza na apresentação e na escuta de outras poesias, com texto das batalhas de Slam Escolar:

A⁵ - Primeiramente como público eu aprendi muito sobre apreciar vários tipos de poesia. Porque às vezes a gente vai no Slam, e a gente costuma ver mais poesias de protestos que são incríveis que eu adoro, mas não são só elas também que são bonitas, assim como não são só poesias líricas que são mais bonitas, para mim poesia em geral é uma forma de arte muito linda e muito expressiva. Como plateia eu aprendi mais a ouvir todos esses estilos e enxergar cada uma da sua singularidade, tanto seja no lírico que é mais o meu estilo e o estilo do Ruan, com outras palavras de metáforas, seja como forma de protesto que é mais a área do Roberto, por exemplo. E cara eu acho essas pequenas diferenças da poesia muito lindas e aprendi muito com elas sendo público.

⁵ A letra A corresponde apenas à inicial fictícia atribuída ao estudante, de modo a preservar seu anonimato.

Num primeiro momento, reconhece-se a importância de um aprendizado no campo da linguagem, mas surge um ponto que não havia sido citado por nenhum outro entrevistado – a dimensão de um conhecimento que, ao ser apreendido, gera autoconhecimento e desenvolvimento para além do cognitivo ou relacionado ao aprendizado formal:

A - E como poeta eu aprendi também a me expressar. Eu era uma pessoa muito fechada, não conseguia falar o que eu estava sentindo. E através da poesia eu comecei a falar mais o que eu estou sentindo e entender o que eu estou sentindo.

A - Acho assim, a escola serve para gente se comunicar, aprender várias coisas assim, não só coisa de lição, mas como conversar com as pessoas, é tipo socializar e algumas coisas para vida. Porque não é só coisa boa na escola, mas a gente tenta aprender várias coisas e conversar com as pessoas.

Declamar e “performar” em uma batalha de poesia exige um processo de pesquisa, estudo e reflexão sobre a potência e a intencionalidade do discurso, considerando, inclusive, a forma como ele pode ser interpretado ou recebido pelo público. Uma estudante entrevistada afirmou que o Slam Escolar permite que outras vozes, além das dos próprios alunos, ganhem espaço para se posicionar e sejam ouvidas em questões importantes e significativas em suas vidas. Nesse sentido, o Slam Escolar torna-se um espaço seguro para a expressão do “ser” no mundo.

Os depoimentos dos estudantes evidenciam aprendizagens estéticas, comunicativas e reflexivas, além de processos de subjetivação e autoconhecimento. A experiência de produzir e performar poesia favorece a construção de sentidos sobre si e sobre o mundo. Nesse sentido, a prática do Slam torna-se um espaço de reconhecimento simbólico e de produção de identidades juvenis, no qual a linguagem opera como prática social.

A aprendizagem contra-hegemônica foi compreendida, nas entrevistas, como parte de um currículo orientado para novas formas de apreender o mundo em sua diversidade. Retomando a dimensão do conhecimento associada à justiça curricular, os participantes destacam a importância de um conhecimento que rompa com escolhas que tradicionalmente favorecem a construção de currículos hegemônicos.

Essa dimensão da aprendizagem manifesta-se na valorização de narrativas juvenis, periféricas e plurais, que tensionam a centralidade de cânones curriculares dominantes. Ao legitimar formas de expressão não tradicionais e temas emergentes das experiências juvenis, o Slam Escolar contribui para a construção de um currículo mais plural, crítico e culturalmente responsivo, alinhado aos princípios da justiça curricular.

Nesse sentido, o conhecimento promovido pelo Slam visa ampliar horizontes formativos, indo além de perspectivas únicas e homogêneas e abrindo espaço para uma educação crítica, plural e socialmente situada.

De acordo com as entrevistas, o conhecimento que “importa” é aquele que estimula o uso da linguagem de forma contextualizada, resultado de um processo de escuta ativa, estudo e apropriação

de um tema e suas variantes. Esse tipo de conhecimento tende a desenvolver habilidades reflexivas e analíticas, promovendo a autonomia dos estudantes na forma de pensar e agir, além de favorecer seu desenvolvimento integral, respeitando suas singularidades.

O cuidado, entendido como uma atitude de responsabilização pelo desenvolvimento dos sujeitos escolares, especialmente os alunos, frequentemente torna-se um campo de discussão na escola, especialmente no contexto do Slam Escolar. A conscientização sobre as violências⁶ que um aluno enfrenta pode desencadear uma série de reflexões e mobilizações por parte da equipe escolar, sobretudo dos professores, ampliando o olhar pedagógico para além das dimensões estritamente cognitivas.

A prática do Slam Escolar possibilita explicitar saberes e vivências que confrontam a escola com realidades frequentemente situadas fora do currículo prescrito e das práticas pedagógicas formais. Ao tornar visíveis narrativas de sofrimento, vulnerabilidade e resistência, o Slam tensiona as fronteiras do currículo e interpela a escola a reconhecer as condições sociais, culturais e afetivas que atravessam a trajetória dos estudantes.

Esse processo confronta os educadores com a necessidade de considerar os alunos em suas singularidades e em suas experiências individuais e coletivas, reforçando o cuidado como dimensão constitutiva da prática curricular. Como se observa na fala da diretora entrevistada:

D⁷ - Eu aprendi que você trabalha... o Slam consegue trabalhar a autoestima, ele consegue pegar aquele aluno que é muito quieto, ele é isolado, ele consegue se integrar com os outros nesse momento. E o que eu aprendi foi, escutar, escutar aquilo que está oculto, porque solta, aí você consegue trabalhar... as vezes você olha para aquele aluno que está recitando uma poesia, às vezes você chora, tem umas poesias que... e tem outras que você fala: "gente, como é que um aluno de sexto ano, escreveu isso sozinho em casa?", Aí você fala assim, opa, eu fiquei assustada com um aluno ano passado, porque eu falei: "gente, de onde que essa criança tirou essa maturidade toda?", depois a gente foi descobrir que era uma vivência que ele tinha de família, era uma coisa assim, de tanta violência, tanta coisa, então assim, ele serve até de farol para a gente. Então, é bem interessante, enquanto eu estiver sendo diretora, vai ter.

A fala da diretora evidencia essa função reveladora do Slam ao descrever a poesia como um “farol” para a equipe escolar. Ao escutar as produções poéticas dos estudantes, a escola passa a acessar dimensões da vida dos alunos que escapam às rotinas pedagógicas tradicionais, acionando processos de reflexão e intervenção. Nesse sentido, o Slam opera como uma prática curricular que articula reconhecimento simbólico e produção de conhecimento situado sobre as condições de vida dos estudantes.

Essas experiências, por sua vez, refletem-se no desenvolvimento escolar dos alunos, considerando aspectos cognitivos, interacionais, entre outros. A atenção ao cuidado possibilita que a

⁶ Entende-se por violências tudo aquilo que causa danos a um indivíduo ou grupo, podendo se manifestar de forma física, psicológica, moral, sexual, econômica e/ou social.

⁷ A letra D corresponde apenas à inicial fictícia atribuída à Direção Escolar, de modo a preservar o anonimato.

escola reconheça as múltiplas realidades dos estudantes, contribuindo para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos, responsivos e sensíveis às suas necessidades.

Assim, o Slam Escolar emerge não apenas como uma manifestação artística, sociocultural e política, mas como uma oportunidade para fomentar diálogos que promovam a valorização das histórias e vivências dos alunos, reforçando a importância do cuidado na formação integral dos estudantes.

Embora as entrevistas enfatizem o cuidado direcionado aos estudantes, essa dimensão deve ser compreendida de forma ampliada, abrangendo todos os sujeitos do currículo escolar. O cuidado deve incluir não apenas os alunos, mas também professores, gestores escolares e funcionários. Condições de trabalho precarizadas, jornadas extensas e desvalorização profissional configuram formas de violência institucional que limitam a capacidade dos profissionais de exercer o cuidado como prática pedagógica.

Profissionais que dispõem de condições dignas de trabalho estão mais aptos a reconhecer, mediar e responder às necessidades dos estudantes, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais equitativo, socialmente justo, saudável e propício para o desenvolvimento dos estudantes.

Na escola, a dimensão da convivência se destaca, especialmente na formação dos sujeitos escolares. A prática do Slam Escolar revela-se um meio potente para promover a socialização democrática, fortalecendo a cultura do debate e o respeito às diversidades.

Para que a escola funcione como um espaço de socialização, é fundamental priorizar práticas pedagógicas e ambientes que democratizem as decisões do corpo diretivo, levando em conta as diversidades e demandas dos sujeitos. Assim, é necessária a implementação de dinâmicas formativas que promovam a aceitação das diferenças, contribuindo para uma socialização mais justa.

As aprendizagens decorrentes da prática do Slam Escolar, enquanto território de convivência democrática, estão ligadas ao conhecimento, ao respeito mútuo e ao autoconhecimento. Essa prática articula-se com aprendizagens contra-hegemônicas e com a dimensão da convivência democrática, no qual a centralidade do processo de ensino não recai apenas sobre o professor, pois os alunos se veem capazes de ensinar uns aos outros, estabelecendo um aprendizado horizontal.

A prática do Slam, por si só, constitui-se em processo de convivência. É uma experiência de aprendizado coletivo, visando o desenvolvimento de uma escuta que acolhe e comunga das diversidades:

E⁸- Então, quer dizer, a pessoa alguma coisa toca ela. Ah! Ficar ali ouvindo, sabe? Um assunto que é próximo ao seu, que é distante de você, sobre questão racial, você não sendo negro, uma questão feminista, você sendo homem, LGBTQIA+, você sendo hetero, e tudo isso os diferentes a você, você está ali para aprender a ouvir aquele ponto de vista que você, não está tão próximo a sua vivência. Então, acho que todo mundo aprende, pode ser um pouco clichê isso, mas eu acho que o público, quem fala também tem que pesquisar, como eu disse na primeira pergunta. Então quem fala também aprende, e é o espaço que mais escuta o Slam, do que ele fala.

Assim o Slam Escolar pode ser entendido como exercício para o desenvolvimento da escuta ativa, na qual a exposição a narrativas diversas, raciais, de gênero, identitárias e sociais produz deslocamentos cognitivos e éticos. Ao ouvir experiências distintas das suas, os estudantes são convidados a desenvolver empatia, reflexão crítica e abertura ao outro, configurando uma aprendizagem relacional e política.

A convivência democrática, discutida até aqui, busca conscientizar sobre a diversidade de histórias, culturas e narrativas, promovendo um diálogo que visa construir aprendizados tanto por meio do ensino formal quanto do não formal. Essa abordagem propõe uma convivência mais justa, interligando-se com as outras dimensões da justiça curricular: conhecimento e cuidado.

Afinal, de que poesias estamos falando quando nos referimos àquelas que exploram o conhecimento, o cuidado e a convivência democrática?

Meu nome é José Wallison
Leão do Norte me chamam
Sou filho de Williane e vó Edite
Alagoas é minha terra
Leão fugido pra casa da vó
Coração abrigo
Contra a vida seca do pai que bate
na mãe
De onde venho trago memória
e sentimento de paz e guerra
Foram muitos caminhos até chegar em São
Paulo chegar
Os três retirantes buscavam vida
nova e sadia
Deixamos pra trás as pedras de um
caminho de uma vida Severina
Para o passado o novo destino
Para a violência o coração
Para o ódio paz renovada
Para o silêncio nova voz ampliada
Chegamos à zona leste logo depois
recebemos a notícia
Tiros tiram a vida de quem um dia foi
meu pai
hoje eu o perdoo todo mal que ele me fez
ele também foi uma vítima
A minha vingança não é escrever esse
poema é ser poesia
Hoje nesse ato de coragem conto minha
própria história

⁸ A letra E corresponde apenas à inicial de Emerson Alcalde, idealizador do projeto Slam Interescolar e fomentador da prática do Slam Escolar no Brasil.

Para que cruzem os fios de outras mais
e te convide a não só poetizar a sua
história
mas a poeimar a própria vida
Leão do Norte (José Walisson de Farias Santos)⁹

As análises indicam que a adoção do Slam Escolar tem a potência de transformar a escola em um espaço de convivência democrática, favorecendo a apreensão de conhecimentos, o reconhecimento da diversidade e o acolhimento das singularidades de todos os sujeitos, especialmente os alunos, constituindo-se, assim, uma prática de justiça curricular.

Considerações finais

As entrevistas realizadas evidenciam que o currículo escolar pode estar comprometido com o desenvolvimento de uma sociedade mais humana, justa e democrática. Nesse contexto, o Slam Escolar se apresenta como uma prática formativa capaz de concretizar as dimensões da justiça curricular, articulando a seleção de conhecimentos que promovam uma existência digna, o cuidado com os sujeitos do currículo e a promoção de uma convivência democrática e solidária. Dessa forma, este estudo contribui para a literatura sobre educação crítica ao demonstrar como uma prática cultural juvenil como o Slam pode ser incorporada ao currículo escolar para formar subjetividades orientadas ao exercício de práticas democráticas.

A busca pela justiça curricular, evidenciada por meio do Slam Escolar, exige que as escolas adotem uma abordagem curricular sensível às dinâmicas socioculturais contemporâneas. Isso implica reconhecer a centralidade da cultura popular e de suas múltiplas manifestações como recursos pedagógicos e políticos para a formação cidadã. Ao possibilitar que os estudantes reflitam sobre suas experiências, territórios e trajetórias, a prática contribui para que se percebam como sujeitos históricos e agentes de transformação social.

É importante destacar que o Slam Escolar se faz na interseção entre vivências escolares e não escolares, assim como entre saberes acadêmicos e saberes produzidos nos territórios, nas culturas juvenis e nas experiências de vida dos estudantes. Uma perspectiva de ensino que reconheça e valorize essas interseções contribui para formar estudantes capazes de analisar criticamente suas condições de existência e de se reconhecer como sujeitos éticos, solidários e corresponsáveis por projetos sociopolíticos orientados para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Ao revelar o potencial transformador do Slam Escolar, este estudo amplia o debate sobre políticas curriculares e oferece subsídios teórico-práticos para a construção de projetos pedagógicos

⁹ SANTOS, José Walisson de Farias. **Meu nome é José Wallison**. Coletivo Slam da Guilhermina, 2021, p. 121. Leão do Norte (José Walisson de Farias Santos) tinha 13 anos, em 2018, e era aluno da EMEF. Humberto de Campos, no Ensino Fundamental II.

que valorizem a diversidade de saberes e a participação ativa dos estudantes, demonstrando como práticas culturais podem articular ensino, cuidado e convivência democrática no currículo.

Referências

- ARAÚJO, Wesley B. **Possibilidades democráticas em educação: a experiência de gestão educacional em Várzea Paulista - SP (2005-2012)**. 2020. 312 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.
- ASSUNÇÃO, Cristina Adelina de; JESUS, Emerson Alcalde de; SANTOS (Chapéu), Uilian da Silva. (Orgs). **Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam interescolar**. Coletivo Slam da Guilhermina. São Paulo: LiteraRua. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de L. de A. Rego; A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2016.
- COSTA, Thaís Almeida. **Política de currículo participativa em arranjo de desenvolvimento da educação (ADE): a experiência do ADE da Chapada Diamantina (BA) e a proposta da justiça curricular**. 2022. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- COSTA, Thaís Almeida; ARAÚJO, Wesley Batista; PONCE, Branca Jurema. **Justiça social e justiça curricular: enlaces teóricos para análise e proposição de políticas e práticas curriculares**. *Revista Cocar*, [S. l.], v. 18, n. 36, 2023
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- ESTÊVÃO, Carlos Alberto Vilar. **Educação, justiça e democracia: um estudo sobre as geografias da justiça em educação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- FRASER, Nancy. **A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 7–20, 2002.
- FRASER, Nancy. **Escalas de justiça**. Barcelona: Herder Editorial, 2012.
- FRASER, Nancy. **Justiça interrompida: reflexões críticas sobre a condição “pós-socialista”**. São Paulo: Boitempo, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 41. reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no Brasil anos 90**. Campinas: Mimeo, 1997.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999. (Questões da nossa época, n. 71).
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Revista Ensaio – Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, Fundação Cesgranrio, v. 14, n. 50, p. 17-38, jan./mar. 2006.
- GOMES, Nilma Lino. Raça e educação infantil: à procura de justiça. **Revista eCurriculum**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1015-1044, set. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/44232/29876>. Acesso em: 3 out. 2024.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

- MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- PONCE, Branca Jurema. O currículo e seus desafios na escola pública brasileira: em busca da Justiça Curricular. **Currículo sem Fronteiras**, [s.l.], v. 18, n. 3, p. 785-800, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol18iss3articles/ponce.html>. Acesso em: 3 de out. 2024.
- PONCE, Branca Jurema; ARAÚJO, Wesley. A Justiça Curricular em tempos de implementação da BNCC e de desprezo pelo PNE (2014-2024). **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1045-1074, jul./set. 2019. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/44998>. Acesso em: 28 de set 2025.
- PONCE, Branca. Jurema; NERI, Juliana Fonseca de Oliveira. O currículo escolar em busca da Justiça Social: a violência doméstica contra a criança e o adolescente. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 331-349, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/23663>. Acesso em: 3 de out. 2024.
- PONCE, Branca; Jurema; NERI, Juliana Fonseca de Oliveira. A Justiça Curricular, a violência sexual intrafamiliar (VSI) e o direito aprendizagem. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 1208-1233, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/35125>. Acesso em: 3 de out. 2024.
- SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Currículo escolar e justiça social: o cavalo de Troia da educação**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SILVA, Luis Fernando Lima e. **A potencialidade formativa do diálogo do Slam com o currículo escolar: buscando justiça curricular**. 2023. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.